

Economia - Brasil

Brasil, ainda um mau exemplo

A economia melhorou na maior parte dos países latino-americanos, em 1993. O Produto Interno Bruto (PIB) da região deve ter crescido 3,2%, segundo estimativa da Comissão Econômica para a América Latina (Cepal), uma das entidades técnicas filiadas à Organização das Nações Unidas (ONU). A variação, em 1992, havia ficado em 2,9%.

Neste ano, graças à reativação iniciada no trimestre final do ano passado, a economia brasileira ajudou a alimentar a prosperidade regional. A produção, no Brasil, saiu de uma contração de 0,9% em 1992 para uma provável expansão de 4,5%. O aumento da atividade, no País, foi acompanhado de um salto das importações. A ampliação das compras beneficiou em parte os exportadores latino-americanos.

Também houve progresso no combate à inflação, na maior parte dos países da América Latina. Excluído o Brasil, a média caiu de 25% no ano passado para prováveis 15% neste ano, de acordo com a Cepal. Quanto aos preços, a economia brasileira ficou na contramão. Os índices mais conhecidos aumentaram pouco mais de 1.100% em 1992. Neste ano, as taxas de variação devem ficar entre 2.500%, aproximadamente, e pouco mais de 2.700%. Os números brasileiros distorceriam amplamente a estatística latino-americana.

Em apenas uma área o desempenho da economia brasileira vem, há alguns anos, sendo regularmente melhor que o da maioria dos países

da América Latina. O comércio exterior tem-se expandindo mais velozmente que na maior parte da região. Neste ano a tendência se mantém. As exportações latino-americanas devem estar aumentando uns 9%, segundo a Cepal, e as importações, aproximadamente 8%. No Brasil, as vendas ao Exterior devem estar crescendo uns 9%, em dólares, e as compras, uns 24%, segundo as estimativas correntes. Apesar do grande aumento das importações, resultante da reativação do consumo, da redução de tarifas e, em parte, da valorização do cruzeiro em relação às principais moedas, o País deve manter superávit de uns US\$ 13,5 bilhões. Se se confirmar, será um resultado inferior ao de 1992, mas ainda satisfatório.

Apesar de algum desajuste acumulado, a política de câmbio do Banco Central do Brasil (BC) tem sido sensata. Desde o último trimestre de 1991, a paridade cambial tem sido mantida em níveis toleráveis. Não tem havido queixa dos exportadores e o próprio aumento das exportações, num ano de consumo em alta, mostra que a valorização do cruzeiro, até agora, não foi excessiva. Pode estar faltando uma vigilância maior contra importações de produtos subsidiados, mas esse tipo de problema se resolve com tarifas selecionadas e não com câmbio. Pelo menos uma política brasileira, portanto, tem sido acertada. Que não se caia na tentação de abandoná-la. O combate à alta de preços deve ser baseado noutros meios.